

Língua, Texto e Ensino: outra escola possível

ANTUNES, I. 2009. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial.

Acir Mário Karwoski

Lívia Ribeiro

O livro é uma compilação de textos apresentados em congressos e seminários que discutem vários aspectos linguísticos principalmente sob a ótica do ensino de línguas no Brasil. Maria Irandé Costa Morais Antunes, ou simplesmente, Irandé Antunes, é doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa. Atua em diversos estados do nordeste brasileiro com pesquisas voltadas aos temas língua, texto e discurso, gêneros textuais, produção escrita, leitura e formação de professores. A autora, ao reunir os textos que compõem a obra *Língua, Texto e Ensino: outra escola possível*, apresentou-os em forma de diálogo acrescentando algumas observações interessantes e indagações ao final de cada capítulo.

Logo na introdução, apresenta ao leitor sua preocupação com as teorias linguísticas existentes e sua efetiva aplicação nas salas de aula. Partindo da consideração que a maioria dos professores (principalmente aqueles inseridos nos contextos do ensino fundamental e médio) ainda trabalha de forma tradicional nas salas de aula, Irandé levanta questionamentos e aponta necessidades que tais profissionais apresentam: maior conhecimento acerca das questões textuais (coerência, coesão) e sobre intertextualidade, além das funções da escrita e leitura e das questões sobre avaliação e ensino. Segundo Irandé, é necessário que “o professor consiga (...) alfabetizar, fazer crescer o letramento dos alunos e ampliar as competências mais significativas para as atividades sociais, interativas e de encantamento, relativas aos usos literários ou não das línguas.” (grifo da autora)

Finalizando a primeira parte do livro, Irlandé enfoca no segundo capítulo – “Língua e cidadania: repercussões para o ensino” – a relação entre escola e sociedade. Critica o ensino tradicional que se concentra em exercícios que ampliem – ou não – os conhecimentos sobre o léxico, as nomenclaturas verbais e funções sintáticas. A aplicação de tais conceitos gramaticais fica vazia, pois os resultados deste tipo de ensino já são conhecidos dos estudiosos da área: incapacidade de desenvolver textos mais complexos, formais, interpretação reduzida e declínio da fluência verbal. É preciso que o aluno tome conhecimento que ele pode – e deve – ser o autor e transformar a realidade em que vive utilizando a língua como meio de interagir e participar como cidadão e intervir no destino. Irlandé finaliza com a pergunta: “O que é o saber, se disso a comunidade não se aproveita?”.

É importante ressaltar aqui a relevância de tais questionamentos que a autora faz ao final de cada capítulo. Isto provoca no leitor uma reflexão sobre os pontos apresentados e cumpre seu propósito, já dito anteriormente, de transformar a leitura em uma conversa, diálogo.

Na segunda parte da obra – “O texto sob novos olhares” -, a autora dedica especial atenção aos aspectos da linguística textual: no terceiro capítulo, trabalha as características dos gêneros textuais e como isso reflete no ensino de línguas. Ressalta, ao longo do capítulo, que a linguagem é uma forma de interação e que esta interação só acontece através de textos (verbais, visuais ou escritos). Afirma ainda que é preciso fugir de métodos rígidos e descontextualizados como, por exemplo, “Ivo vê a uva”. É nesta parte que entra o conhecimento sobre os diferentes gêneros textuais que se apresentam como uma importante ferramenta de trabalho para o professor e que habilita o aluno a ter acesso ao nosso acervo cultural e a ampliar seu conhecimento de mundo. Irlandé não desvincula o ensino da gramática, ao contrário, assim como citado diversas vezes em seu outro trabalho – *Muito além da gramática* – a autora reafirma que os gêneros textuais são uma forma de ensinar a gramática na sua funcionalidade, explorando as particularidades de cada gênero (utilização de pronomes de tratamento em

gêneros como a carta, por exemplo). Neste capítulo, a autora propõe ao professor uma “grade programática” com propostas de trabalho e enfoque de cada gênero trabalhando os aspectos gramaticais juntamente com a produção oral e escrita e a leitura. Esta grade é concebida para alunos de 1.ª a 4.ª séries considerando os estágios de cada etapa e não esquecendo de trabalhar também os gêneros “tipicamente escolares (resenhas, esquema, resumo)”. Irlandé não esquece de destacar também o trabalho avaliativo do professor que não deve prender-se somente na “correção” dos exercícios, mas é necessário que os professores ampliem a visão que irão “avaliar” o conteúdo aprendido pelos alunos.

Os capítulos 4, 5 e 6 analisam os elementos linguísticos de um texto e sua função além desta dimensão. No capítulo 4, a autora apresenta o conceito de intencionalidade e aceitabilidade e enfatiza a atividade verbal, que acontece necessariamente através de textos de forma coerente e coesa. Desta forma, o texto não se prende aos fatores linguísticos; mas é preciso considerar os interlocutores envolvidos – quem fala, quem escreve e para quem. No capítulo 5, Irlandé derruba o mito de que “basta que o texto se comunique”. A autora afirma que esta não é uma verdade: *“se há uma coerência que ultrapassa o linguístico, também há uma coerência que está presa aos limites do léxico e às leis da gramática”*. (grifo da autora). É preciso ter sempre em mente a função social da linguagem pois, ao ser efetivada, o aluno é obrigado a garantir a coerência linguística do que se diz. Este “gancho” do final do capítulo 5 introduz a ideia do capítulo seguinte e é possível relacionar a noção de explicitude e implicitude de um texto. Irlandé atenta para as diversas informações que nos são transmitidas todos os dias e que muitas vezes não consideramos aquilo que não está explícito na superfície do texto: as informações manipulativas, por exemplo, que estão “escondidas” nos informes publicitários. E os professores precisam orientar seus alunos a identificar estas “artimanhas”.

No capítulo 7, a autora desenvolve a questão da informatividade e da importância em apresentar algo novo e que “prenda a atenção” de quem lê ou ouve. Irlandé cita os textos cartilhados como exemplos clássicos de uma

linguagem sem sentido e que muitas vezes refletiam nas produções textuais dos alunos. Para evitar tal erro, a autora sugere aos professores a leitura de textos ricos, repletos de informações, expositivos e criativos, e trabalhe com seus alunos os recursos estilísticos e a elaboração de textos, com tempo para que os alunos planejem e preparem seus conteúdos.

Fechando esta segunda parte, no capítulo 9, Irlandé prioriza o trabalho com a intertextualidade, conceituando e ressaltando sua importância, concluindo que tal prática proporciona a ampliação de repertórios, a construção de novas exposições, comentários e análises, reaproveitando assim as lições anteriormente aprendidas.

Um comentário sobre esta segunda parte cabe aqui: todos os textos nela compilados são de suma importância principalmente aos estudantes de Letras que já tiveram – ou ainda terão – contato com a Linguística textual, proporcionando um aprofundamento deste estudo de forma contextualizada e prática, já que a autora trava um diálogo com os leitores em várias partes do texto.

A terceira parte do livro – “O ensino de línguas sob novos olhares” – enfoca a aplicação dos conteúdos linguísticos nas salas de aula e o modo como isto acontece. No capítulo 10, a autora apresenta um exercício de avaliação aplicado e seus resultados. As principais dificuldades apresentadas relacionam-se com as questões ortográficas e de pontuação e destaca o sentimento de frustração que muitos professores apresentam ao considerar que por quase 11 anos de estudos de língua os alunos tenham evoluído tão pouco. As perguntas referentes a essas frustrações precisam estar presentes nas salas de aula de pós-graduações e graduações nas quais são formados os alfabetizadores e professores de língua. A autora afirma e enfatiza ainda que, ao debater este novo olhar sob o ensino de línguas, não significa que se deva banir a gramática da escola, mas sim proporcionar um ensino interativo da língua.

No capítulo 13, a autora discute a respeito de ensino e avaliação/avaliação e ensino. Afirma que a avaliação deve alimentar o processo de ensino, observar os resultados, tornar-se referência para visualizar adiante. No decorrer do capítulo, questiona a funcionalidade do vestibular. Destaca que

“muito do que é necessário para atuar como um cidadão conscientemente participativo e um profissional competente não cabe nos limites restritos das questões de qualquer vestibular”. (grifo nosso)

Desta forma, o vestibular direcionava o ensino e as provas de língua eram da descontextualizadas e normativas. Segundo a autora, a prova de redação, apesar de sua forma “engessada” que seguia uma estrutura clássica – introdução, desenvolvimento, conclusão – e que despendia grande parte de seu valor em correções gramaticais e apresentação formal do texto, com o passar dos anos apresenta-se como um “indicador privilegiado para avaliar a qualidade do desempenho linguístico dos alunos. (...) ela tem sido uma das forças que, mesmo com limites, tem empurrado o ensino para os usos da língua (...)”.

É imprescindível ressaltar aqui a importância do debate levantado pela autora sobre ensino e avaliação. Existem várias teorias pedagógicas e estudos na área, porém Irandé enfatiza a avaliação no ensino de línguas e retorna à preocupação do capítulo inicial: para avaliar é preciso que se tenha em mente o conceito de língua, como esta funciona e qual sua finalidade, lembrando ao leitor a importância de tal discussão apresentada nos primeiros capítulos da obra.

Finalizando, o capítulo 14 – “Finalizando a escuta...” – sintetiza as idéias apresentadas ao longo do livro. Ressalta mais uma vez o poder que a linguagem possui de modificar um contexto, de nele agir, de deixarmos de ser meros objetos. Utiliza o princípio dito por Bakhtin que afirma que “nomenclaturas e classificações metalinguísticas dão lugar à língua com que interagimos da manhã à noite, isto é, a língua expressa em gêneros textuais socialmente estabilizados”. Irandé termina afirmando que as propostas de leitura e escrita ganham cada vez mais espaço e que estas devem centrar-se impreterivelmente nas funções comunicativas e na diversidade dos contextos culturais. A escola tem à sua frente grandes possibilidades de contribuição e caminhos a serem abertos.

Irandé comprova ao final de seu trabalho uma incrível capacidade de orientação aos profissionais e estudantes das áreas de linguística e pedagogia.

A abordagem dessas três dimensões – língua, cidadania e texto – facilita uma compreensão mais profunda de suas intenções e serve como fundamento para a própria afirmação de Irandé que ressalta “o mergulho lá pelas entranhas é que possibilita, muitas vezes, o êxito de nosso encontro com o outro.” (grifo nosso). Neste caso, o outro poderia ser os profissionais da área de educação, os pesquisadores, estudantes e principalmente a interpretação do cotidiano dos alunos.

Embora várias passagens relembrem alguns conceitos afirmados em *Muito além da gramática*, outra importante obra da mesma autora, ao direcionar seu enfoque nos conceitos lingüísticos e no ensino destes em forma de um diálogo com exemplos para fundamentá-lo, Irandé apresenta os questionamentos sobre o ensino aliado às questões lingüísticas – embora já conhecidos e citados em pesquisas científicas – e principalmente direciona os professores com propostas e possibilidades de aplicação destes conhecimentos de forma efetiva nas salas de aula.

Fugir da metalinguagem não é preciso, neste caso é necessário. Ressalta que muitos outros autores já salientaram diversos pontos descritos ao longo do livro, mas que há um trabalho ainda longo a ser feito e que não se deve desanimar, afinal “essas mal traçadas linhas” não terminaram com um ponto final e sim com reticências... As reflexões que a obra suscita são interessantes.

Direcionado principalmente a estudantes de licenciaturas e professores em formação continuada, em especial os da área de Educação e Letras, o livro apresenta sugestões práticas para o trabalho com a língua em sala de aula e uma clara visão pedagógica baseada na concepção dialógica de linguagem. Outra escola será possível. O trabalho está nas mãos do professor.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS



A revista **Investigações** aceita as seguintes contribuições: artigos inéditos, ensaios bibliográficos e resenhas críticas nas duas áreas de concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Lingüística. Os trabalhos submetidos a **Investigações** devem ser enviados por e-mail, digitados em espaço 1.5, tipo 12, letra Arial, alinhamento justificado, em programa Word-for-Windows 2003, sem formatação, além de parágrafo e em três arquivos. No 1º arquivo deve constar o texto com a devida autoria. No 2º arquivo deve ser identificado o nome, titulação e instituição do autor, endereço residencial/trabalho, telefones, e-mail, além do título do trabalho. No 3º arquivo deve constar o texto sem informação que identifique a autoria. O 1º arquivo deve ser guardado em arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.

As “Notas” devem ser digitadas ao fim de cada página, numeradas a partir de 1, em espaço simples, tipo 11, letra Arial, alinhamento justificado. Se houver nota referente ao título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. As referências devem ser feitas no corpo do trabalho segundo o exemplo: ...como diz Preti (1991:43)...; referências após citação: (Preti 1991:43); no caso de paráfrase (cf.: Preti 1991:43). Nunca usar “idem”, ou “idem, ibidem”. Para ênfase usar itálico e não sublinhar.

“Tabelas”, “gráficos”, “desenhos”, “quadros” e “árvores” devem estar inseridos no texto, ser numerados e conter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.

O Resumo deve ser digitado em tipo 11, letra Arial, espaço simples, alinhamento Justificado, com cerca de 100 palavras (no máximo), em português, inglês (obrigatórios) e uma terceira língua estrangeira: francês, espanhol, italiano ou alemão. Devem, ainda, ser seguidos de, no máximo, quatro palavras-chave nas línguas citadas. Recomenda-se que os mesmos sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas.

O título deve ser digitado em tipo 16, letra Arial, espaço simples, alinhamento centralizado, e o nome do(s) autor(es) deve ser digitado em tipo 14, letra Arial, espaço simples, alinhamento à direita. Abaixo de cada nome deve ser referenciado a Instituição de trabalho do autor(es).

Referências bibliográficas: digitar a expressão **Referência Bibliográfica** em negrito. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor é seguido de vírgula e do nome e sobrenomes. O nome de outros autores, quando houver, ou dos organizadores da obra de onde for retirado o artigo, precedem o sobrenome. Os títulos de livro, coletânea ou revista devem vir em itálico. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 6 toques. A data identificadora da obra deve vir entre pontos, após o nome do autor (outras datas relevantes no final da entrada). Mais de uma obra de um autor no mesmo ano devem ser identificadas por letras a, b, c, etc. após a data.

Exemplos:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. 2002. Sistema fonológico do português: rediscutindo o consenso. *D.E.L.T.A.* 18(1):1-24.

CÂMARA JR., J. Mattoso. 1977. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livro Técnico.

GUMPERZ, John J. 1986. Interactional sociolinguistics in the study of schooling. In: Jenny Cook-Gumperz, ed. *The Social Construction of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.45-68.

ONO, T.; THOMPSON, S. 1996. The dynamic nature of conceptual structure building: evidence from conversation. In GOLDBERG, A, *Conceptual structure, discourse and grammar*. Stanford: CLSI.

Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.

Investigações detém o “copyright” dos trabalhos a ela submetidos por 5 (cinco) anos, exceto nos casos em que estiver impresso o contrário. Os trabalhos publicados em **Investigações** só podem ser reeditados (livro, coletâneas etc) com expressa autorização do Corpo Editorial desta Revista. Os trabalhos submetidos à Revista **Investigações** não podem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras. Se contiver gráficos ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 25 páginas. ENSAIO BIBLIOGRÁFICO: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

Endereço:

Os textos submetidos deverão ser enviados para:

Ancó Márcio Tenório Vieira (ancovieira@yahoo.com.br) – Teoria da Literatura

Karina Falcone (kfalcone@gmail.com) – Linguística

Judith Hoffnagel (hoffnagel@uol.com.br) – Linguística

Fones: (81) 2126.8767 - Fax: (81) 2126.8767

www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes

www.revistainvestigacoes.com.br